



CENTRO EXCURSIONISTA RIO DE JANEIRO

Fundado em 20 de janeiro de 1939

Reconhecido de utilidade pública estadual pela lei 640
de 17/11/64 (D.O.01/12/64)

SEDE PRÓPRIA: Av. Rio Branco, 277 / 805 - Edifício São Borja
20047-900 Rio de Janeiro (RJ) BRASIL

TELEFONE: 0XX21-2220.3548

PÁGINA NA INTERNET: <http://www.cerj.org.br>

EMAIL: cerj@cerj.org.br

REUNIÕES SOCIAIS: quintas-feiras a partir das 20:00 horas

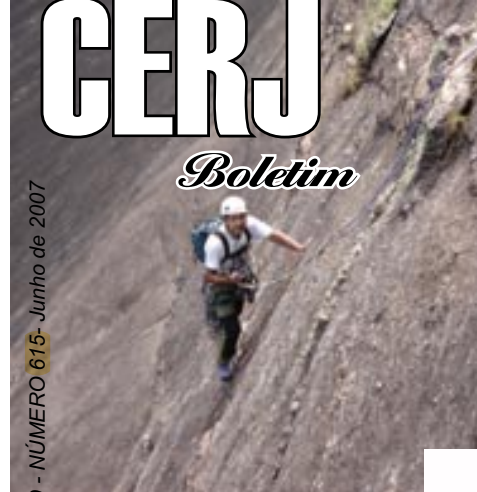
CERJ

Boletim

ANO 69 - NÚMERO 615 - Junho de 2007

IMPRESSO

Boletim 616



MONTANHISMO E AMIZADE, UM BINÔMIO SECULAR.

Ao longo de décadas, o montanhismo vem criando duplas e/ou grupos de amigos, cujas amizades são bastante sólidas, forjadas durante os momentos de sufocos, conquistas, vitórias, alegrias, tristezas..., nas atividades partilhadas, sejam elas de montanha, sociais ou mesmo familiares. Temos diversos exemplos desses relacionamentos, sendo um dos grupos mais antigos, o dos conquistadores do Dedo de Deus, Raul de Sá, José Teixeira e os irmãos Acácio e Alexandre A Oliveira. E com o decorrer dos anos foram surgindo novas duplas e/ou grupos como Reinaldo Behnken e o Silvio Mendes; Salomyth e Minchetti; Pellegrine e Claudinho; Carrô, Layla, Reynaldo Pires e Leuzinger; Zé, Iara e demais parceiros; Wal, Velho e Ricardo de Moraes; JP e o Cume Calmo; Puppyn e Arthur; Nino, Juca, Brasil, Kátia e Ana Behar; Sávio, Paty e demais voluntários; o Grupo das Meninas, Ana Paula, Sol, Moniquinha, Claudinha; Miryam Jourdan e Garrido; Cida, eu e André Paz; Júlio e Bernardo; Jana, Esther e Rô; Silvia e Bula; Rafael, Dani Boy e Dex; Norminha e Cris; Miriam Bamo e Gerardo; Liane, Diego, Buneco e todo o CERJ com diversas parcerias construídas nos seus respectivos CBMs e também com membros de outros clubes.

Tantos exemplos nos dão a certeza de que o montanhismo é um grande formador de amizades sólidas. Que cada cerjense se sintam inserido com sua parceria neste Editorial.

Hoje temos um excelente astral instalado no clube e parafraseando a nossa querida Ana Paula, "O CERJ SÓ ATRAI PEDRA BOA".

Rio de Janeiro, 28 de maio de 2007

José Carlos Muniz Moreira

Presidente do CERJ



Exposição fotográfica

Para os meses de junho e julho de 2007, o nosso sócio-fotógrafo Sobral Pinto continuará a expor mais fotos, em preto e branco, de vistas panorâmicas tomadas dos principais cumes do Parque Nacional da Serra dos Órgãos. Nos meses de abril e maio, próximo passado, os cumes focalizados foram: Cara de Cão, Dedo de Deus, Escalavrado, Nariz do Frade, Pedra da Cruz, Queixo do Frade e Três Marias. Nesta segunda parte de "vistas panorâmicas", teremos fotos dos seguintes pontos: Agulha do Diabo, caminhada para a Pedra do Sino, Pipocas, Santo Antônio, São João, São Pedro e Soberbo.

EXPEDIENTE 2007

Presidente:

José Carlos Muniz Moreira

Vice-Presidente

Carlos Alberto Carrozzino

Secretário

José de Oliveira Barros

Tesoureiro

1 - Ana Paula de Almeida

2 - Solange Conde

Diretor Técnico

Júlio César Paes de Mello

Supervisor Técnico

Rafael Villaça

Diretora Social

Paula Garcia (*in memoriam*)

Claudia Frias

Diretor de Ecologia

Domingos Sávio Teixeira

Diretora de Divulgação

Miriam Gerber

Natascha Krepsky

Patricia Rocha

Divulgação eletrônica

Mônica Costa

CONSELHO DELIBERATIVO

Presidente

Luiz Antonio Puppyn

CONSELHO FISCAL

MEMBROS EFETIVOS

Iara Aniboletti

Manuela Dantas

Waldecy Mathias Lucena

Boletim Informativo do CERJ
Tiragem: 250 exemplares.

Os artigos assinados não representam necessariamente a posição da entidade. É permitida a reprodução dos artigos desde que citada a fonte.

Escalar é um esporte de risco.

sorte, pois se a chuva chegasse um pouco antes, teríamos que rapelar a via inteira, o que seria muita ralação. Mas mesmo essa chuva não atrapalhou em nada, só lavou a alma após um escaladão para fazer a cabeça.

escalar mais um pouquinho, é claro!!! Mas a chuva não deixou e com isso só escalamos no sábado!!! ☺

Valeu gente, até a próxima.

Ps. O Bernardo disse que vai contar a versão dele sobre as resmungadas. ☺

Em seguida, pegamos o carro e fomos direto para Salinas, para no dia seguinte

 *Julio César P. Mello*

Data	Atividade	Tipo	Responsável
2.06	Garrafão - PNSO	Caminhada pesada com acampamento	Puppyn
2.06	Cara de Cão - PNSO	Caminhada semi pesada com acampamento	Arthur Costa
3.06	Reflorestamento (Atividade Ecológica	Sávio
7.06	Escaladas em Salinas - PETP	Escaladas Diversas	Júlio Mello
9.06	Pedra da Gávea - PNT	Caminhada semi-pesada	André Paz
9.06	Cabeça de Dragão - PETP	Caminhada Leve Superior	Jana
16.06	Paredão Marizel - Irmão Menor de Leblon	Escalada 4o. V	Daniel Schulz
16.06	Cobiçado x Morro da Ventania Caxambú - Petrópolis	Caminhada Semi-pesada	Waldecy
23.06	Paredão Jorge de Castro - Agulhinha da Gávea	Escalada de 3o.	Jana
23.06	Paredão Italianos com Secundo	Escalada 5o.	Julio Mello
23.06	Tres Marias - PNSO	Caminhada Pesada	Waldecy
23.06	Pedra da Cruz - PNSO	Caminhada Semi-pesada	André Paz
24.06	Adferências Parque Laje -Invasão	Escaladas 3o. Grau	Carrozzino - Jana e Rafael
30.06	Paredão Unicec - Encosto Morro Dona Marta	Escalada 3o. III Sup	Jana
30.06	Paredão 30 de Julio Encosto Morro Dona Marta	Escalada 3o. V Sup	Daniel Shulz

Face Norte do Morro dos Cabritos

Em abril de 2007, marcamos Bernardo Collares e eu de fazer a interessante via conquistada pelo André Ilha, a Face Norte do Morro dos Cabritos – 7º VIIb A1 E2 D4 -, que tem 900m, sendo que num determinado trecho da via tem, mais ou menos, uns 150m de artificial de parafusos.

O feriado da Semana Santa se aproximava mas o tempo não estava lá essas coisas e todos os sites de serviço de meteorologia indicavam chuva para aquele final de semana. Ficamos assim meio sem compromisso de fazer a escalada, chegamos até a pensar em desistir. Quando chegou quarta-feira, o tempo deu uma melhorada e então meio às pressas, sai um pouco mais cedo do trabalho e fui fazer umas compras para o fim de semana.

Saimos do Rio às 22h30 rumo ao Vale dos Frades, meio tarde para começar a escalar uma via de 900m. Chegamos lá as 00h30, estacionamos o carro num recuo na estrada um pouco antes da base do Morro dos Cabritos e fomos dormir à 1h da matina. O Bernardo preferiu dormir fora do carro, no canto da estrada no saco de dormir, eu optei por dormir dentro do carro, apenas reclinei os dois bancos dianteiros e dormi na cama "king size". Às 5h da manhã, o celular despertou dentro do carro, acordei e como ficou combinado de eu acordar o Bernardo, dei uma buzinazinha ☺. Ele ficou meio p., ficou reclamando que eu o acordei com buzina, coisa de velho ☺.

Tomamos um café da manhã até 5h30, arrumamos o material e partimos para a base da via. Chegando lá, me dei conta de que tinha esquecido minha água no carro, e eu estava com 3,5

litros de água dentro do carro. A sorte é que o Bernardo estava com 2,5 litros na mochila. Então, ele me deu 1 litro, mas foi reclamando do início ao fim da via que iria ficar com sede por minha causa ☹. Depois de eu ouvir um sermão sobre a água, o Bernardo começou a guiada às 6h30. A nossa sorte é que a temperatura estava amena, o que permitiu que eu fizesse os 900m de parede com apenas 1 litro. Deu certinho até o cume, êta economia sô. Começamos inicialmente à francesa para ganhar tempo, mas logo tivemos que voltar ao modo convencional, pois a via começa bem exigente: já aparecem as seqüências de VI e em seguida as seqüências de VIIa e VIIb. A via é predominantemente um mix de aderência e agarrinhas bem pequenas, combinado também com discretos regletes, que se forem muito repetidos fatalmente serão pulverizados, o que deve alterar a graduação da via. Além disso, existem algumas seqüências com frisos e pequenos diques e uma seqüência inteira em diedro/laca, que é protegido em móvel. Após essa seqüência em móvel, começa a seqüência em artificial de parafusos (inox), que consome uma boa fatia de tempo da escalada. Os dois escaladores devem ter um par de estribos e estar familiarizado com esse tipo de técnica para que o gasto com o tempo não seja ainda maior. A via é toda protegida com grampos inox e nos trechos mais difíceis a grampeação é bem mais próxima, lembrando bem vias esportivas.

Após a seqüência de artificial, a via volta no padrão aderência e regletinho até o cume. Chegamos no cume às 14h30, ainda com dia, porém com umas nuvens carregadas em cima da gente. O pior é que as nuvens eram particulares, porque nos morros do entorno não chovia, só em cima da gente. Conclusão, rapelamos pela via de "descida" debaixo de chuva, do início ao fim. Demos muita

DO OUTRO LADO DA MONTANHA

Aprontei-me para escalar. Acordei muito cedo, ainda escuro madrugada quase dia quando o mundo troca de cores. Preciso de bons motivos para despertar tão cedo. Um filho que chora, uma viagem, um amor, ou... Uma montanha me chamando. Nobre pretexto. Na praça ainda vazia da Urca meu amigo Vavá já nos esperava. Boné claro, mochila, calça moletom e o sorriso largo de outrora. Imperiosa, a pedra do Pão de Açúcar aguçava meus sentidos. Alessandra, minha amiga mergulhadora, a olhava de longe com ar duvidoso. Descer às profundezas marinhas era a sua especialidade, porém, percorrer o caminho inverso para o alto, esgueirando-se por escarpas, prometia um inusitado desafio.

Tão logo iniciamos a pista Cláudio Coutinho, uma dupla de mulheres montanhistas juntou-se a nós. Comprimentos, saudações, camaradagem. Estávamos apresentadas. As montanhas se encarregaram de fazê-lo. "Esta é Jana, guia do CERJ, subam por minhas vertentes!" dizia-me o velho Morro da Urca. Não, cara montanha, sem querer me desfazer de suas belas vias, vou matar minha saudade na face leste de sua vizinha milenar.

- Há um grupo escalando a STOP. Cláudio, Zé, Norma, Reynaldo. - noticiou-me a guia Jana.

A manhã outonal irradiava o bom tempo, a temporada mais propícia quando o clima ameno e os dias cintilantes atraem gerações de montanhistas. Passamos na base da chaminé STOP. Recordei-me de suas torres paralelas estreitas ou abissais, vozes ecoando através das paredes sobrepostas qual um órgão orquestral.

- Denise! Pode vir!

Mosquetões batendo timbres contra a rocha em harmonia híbrida e solene. Casa de marimbondos. Pellegrini com o rosto inchado picado pelo inseto, que o julgou intruso, amaldiçoando a família do bicho de asas finas, mas subindo sempre subindo a despeito de tudo com inabalável

determinação. Eu, em silêncio, cumprindo as regras da ascensão. Reminiscências... Eis que tantos anos se passaram e outra cordada a desafia.

A chuva de quinta feira encharcou o caminho dos pescadores. Por fim a face leste se vislumbra do mirante. Tudo igual. O tempo não passou por aqui, e vejo que a montanha não tem pressa como nós desenfreados seres hiperativos. Reencontre-me menina, tão jovem e ágil. A que vive em essência a pulsar dentro de mim.

- Boa escalada! - as novas companheiras vão para outra vertente.

Na primeira horizontal da via Santos Dumont o vento assobia por nuvens e desalinha meus cabelos. As passagens de fácil resolução escrevem as boas vindas da montanha. Encosto minhas mãos à rocha, as pernas se alternam como dança do espaço, tenho a deliciosa sensação tátil que me faz subir com alegria. Estou na ponta da cordada e coloco-me na função de observar Alessandra que sobe além do que supunha sua imaginação. A corda que nos une precipita-se parede abaixo formando voltas dedutíveis. Um lagarto passeia em seu habitat. A visão se transforma a cada gestual. No mar, uma embarcação risca um segredo. Fosse o mundo sempre assim, seríamos leves. Somos leves. A pedra declina. Surgem as rampas altas por onde avançamos como sherpas humildes. O cume está próximo, dizem-me as árvores horizontais. Penso na turma da STOP, do outro lado da montanha e na dupla de escaladoras. Como seria bom se todos nos encontrássemos no pico. Ensaio brindes. Velhos tempos – novos tempos.

"Mais uma!"

Denise Emmer (autora de Memórias da Montanha)

FAZENDO A STOP

STOP em inglês quer dizer PARAR. Mas em bom montanhês significa SEMPRE EM FRENTE. Isso aprendi em 1959, quando de minha primeira escalada naquela chaminé clássica, classificada então como de quarto grau. Existem escaladas míticas e místicas. Podemos classificar como verdadeiros mitos a Agulha do Diabo, o Dedo de Deus e, também, a STOP. São mitos porquanto abrigam em seus lances mágicos histórias fantásticas de ascensões muitas vezes inacreditáveis, feitas por homens e mulheres que escreveram com garra a história do montanhismo no Brasil. São mitos porque a imponência de suas verticais avassaladoras, a dificuldade de seus lances e a universalidade das paisagens que as cercam, concederam-lhes uma aura sobrenatural, que toca profunda e permanentemente almas e corações de quantos lhes desafiam vencer os obstáculos de rocha fria e áspera. E por serem mitos, tornaram-se místicas. Sobre elas, no imaginário dos montanhistas, sempre pairou um certo grau de magia, algo intangível mas verdadeiro, que se pode sentir, sem saber explicar. A STOP é um grande exemplo. Sempre que adentramos suas frígidas paredes, dispostas como enormes torres de um castelo mal-assombrado, partilhamos a sensação de estarmos em dimensões extra-sensoriais, em algum reino do além, nos domínios da parapsicologia. São enormes torres escuras, úmidas, frias, desalentadoras.

Mas, ao mesmo tempo, são chaminés acolhedoras. Interessante a dicotomia de experiências sensoriais. As nossas reações emocionais importam muito mais que as racionais. Vivemos nessa escalada a dimensão do etéreo. Uma realidade absolutamente relativa e imaterial. Não havia tempo ou espaço, havia alma, deslumbramento, transe e transmutações extra-sensoriais. Era como se tivéssemos sido abduzidos por estranhos seres de outras realidades. Vivíamos uma dimensão diferente. Nossas almas irmanaram-se, interpenetraram-se e fundiram-se em uma só alma, pois éramos um só, sendo muitos, sendo quatro, sendo todos. Éramos todos, porque no plano mágico daquela chaminé mística, cada um que adentrou suas vias frias e inóspitas, deixou algo de seus espíritos lá, que de certa forma ficará eternamente vagando por suas verticais, em um permanente rito esotérico. Essa a realidade e a sensação. Escalamos acompanhados de centenas ou milhares de espíritos que nos acompanharam, protegeram, ironizaram, riram, tiveram raiva e inveja, mas estiveram sempre ao nosso lado. Fazer a STOP é como cruzar os centenários umbrais de uma catedral gótica, que nos assusta e deslumbra. Na frieza de suas pedras, vivemos um passado glorioso e assustador, que enaltece e condena o ser humano. No cume, após termos cruzado e vencido seus desafios, como as grandes chaminés iniciais, o Suplício Chinês e a horizontal final, comemoramos o privilégio de termos orado em nossa grande catedral gótica,

Estávamos em três duplas, muito bem equipados com vários jogos de Camalots e afins, e também com todo o equipo necessário para acamparmos com conforto. Particpei de 9 vias de escalada utilizando técnicas de entalamento de mãos, às vezes apenas a ponta dos dedos e os pés, chaminés e também vias esportivas e chapeletadas.

As vias que eu mais gostei são as vias que possuem duas fendas paralelas, em que



se pode escolher onde proteger, utilizar as melhores fendas para mãos e pés e tudo isso com exposição E1 e proteções “bomba”; diversão máxima. Usei esparadrapo para proteger a mão e para os pés o recomendado é um par de sapatilhas o mais rígido possível.

Todos os três dias de escalada foram intensos, celebramos

a nossa parceria a todo momento, seja durante as escaladas, à noite ao redor da mesa de jantar, contemplando as estrelas, a lua e o pôr do sol. Os parceiros desta viagem foram a Loni (grande amiga), BJ (Bill Jr.), John, Laureen e Jen. Todos *xp rts* neste tipo de escalada e muito atenciosos e preocupados com o meu bem-estar. Mais uma vez confirmei que o “povo da montanha” é especial em qualquer lugar, independente da nacionalidade, riqueza, formação ou religião.

João Paulo Scuttle – abril 2007.

"FISSURADO"

Acredito que todo escalador sonhe em algum dia escalar fendas, utilizar técnicas de entalamento de pés e mãos, fazer uso destes recursos valiosos que a natureza propicia para que possamos progredir na parede, pois é, meu momento chegou...

Acredito também que as coisas não acontecem por acaso, justamente duas semanas antes de embarcar para os Estados Unidos, estava num péssimo dia de escalada e resolvi rapelar da P1 da via dos Italianos. Durante o rapel cruzei a minha corda com uma cordada de dois americanos (Eric e Loni). Meu parceiro nesta escalada era o Marco Aurélio (CERJ) e ainda havia uma segunda cordada, Sandra Corso e Zé. A "coincidência" do dia... Eric ministrou um curso de escalada em fendas para a Sandra Corso nos EUA há alguns anos atrás. As duas duplas se encontraram no cume e os dois se reconheceram. De volta ao último móvel celebramos o dia na montanha e pouco tempo depois percebi que havia feito novos amigos.

Durante o almoço combinamos uma série de excursões clássicas com a dupla de americanos. Levamos os dois para o "K2", "Lionel Terray" e "Galloti".

Após 6 semanas trabalhando em Cleveland, que fica do lado oriental dos EUA, consegui planejar uma *trip* de escalada para a região de Seattle, extremo oposto do país, onde existem boas condições para a prática de esportes ao ar livre (alta montanha, escalada esportiva, clássica, montanhismo, snowboard, etc).

Na sexta, partimos de carro para Vantage pela rodovia número 90, sentido Leste. Após 150 milhas, chegamos a um pequeno paraíso chamado Vantage. Atravessamos o rio Columbia (muito bonito) e logo chegamos no local de acampamento.



Em poucas palavras, o *point* trata-se de uma grande montanha em forma de "U", incluindo a parte externa do "U" e a sua parte interna (como se fosse um anfiteatro), com o mesmo contorno das nossas montanhas da Chapada Diamantina. Possui cerca de 30 metros de altura e em toda a extensão da montanha, existem centenas, talvez milhares de fendas paralelas e verticais que propiciam ótimas vias dos mais variados estilos (Chaminés, entalamento, oposição etc.)

uma catedral não construída pelo homem, mas pelo Divino Arquiteto. Uma catedral que não tem seis, oito ou dez séculos, mas milhões deles. Uma catedral que ganha significado no mais profundo recôndito da misteriosa alma humana, cuja sina é seguir SEMPRE EM FRENTE.

Obrigado Norminha. Obrigado Zé. Obrigado Reynaldo. Obrigado CERJ.

Claudio Leuzinger.

Aniversariantes

JUNHO			
		13	DANILO DE HOLLANDA FERNANDES
1	MIGUEL DOS SANTOS BITANA	14	MILENA PIRACCINI DUCHIADE
3	PATRICIA ROCHA RENATO DE MEDEIROS VILLELA	16	LUCY MARY SOUZA JAIR LOURENÇO
		17	NATASCHA KREPSKY
6	CLÁUDIO ROGÉRIO VINCETTI	19	LEIA DE MACEDO ROCHA
		24	IRENE TRIGONA
7	MAILA LOPES PORTO RODRIGUES	25	CLÁUDIA HELENA FRIAS
		28	NORMA DE ALMEIDA ALDA ANDRADE
8	CELSO GOMES MARQUES DA SILVA		
9	NELSON JARDIM BRUGGER		
11	MARCOS VINICIUS FONTAINHA		



JULIO ESCALANDO A FASE NORTE DO MORRO DOS CABRITOS ENO VALE DOS FRADES



Miriam Bamo



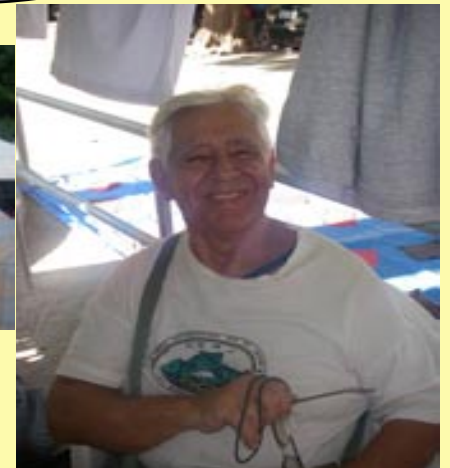
Carrozzino e Liane



Turma do Cerj



Pellegrini



Salomyth